

UMA EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA APRENDIZAGEM DE ALUNOS AUTISTAS

Judcely Nytyeska de Macêdo Oliveira Silva ¹
Ticiany Marques da Silva ²
Deborah Dornellas Ramos ³

RESUMO

O presente trabalho consiste na exposição de um relato de experiência enquanto resultado de uma ação sobre a temática “aprendizagem e autismo”, desenvolvida por um projeto do Programa de Bolsas e Extensão (PROBEX) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG/CES), realizada com professoras da educação infantil de escolas municipais do município de Cuité-PB. Objetivou-se relatar experiências vivenciadas pelos educadores, além de observações e reflexões que pudessem fomentar alternativas educativas para se trabalhar com alunos com autismo em salas de aula de ensino regular. Consideramos que os relatos possibilitam reflexões importantes para a aprendizagem do futuro docente.

Palavras-chave: Autismo, Relato de experiência, Formação de professores, Educação infantil.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que educação inclusiva vem sendo motivo de estudos para diversos pesquisadores, No entanto, entendemos que a cada ano, os desafios e dificuldades aumentam e não podemos deixar de pensar sobre esta tão importante temática, especialmente porque, diariamente, recebemos em nossas vivências e em salas de aulas, estudantes cujas especificidades do seu processo educativo requerem dos professores uma dedicação diferenciada, que se traduz em estudos e recursos mais específicos voltados para o ensino e a aprendizagem. Especificamente, trata-se de estudantes com diferentes deficiências, físicas, visuais, intelectuais, altas habilidades/superdotação, por exemplo, além dos os alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), cujas necessidades educacionais específicas e os recursos que requerem consistem no foco do trabalho em questão.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Campina Grande- PB., ufcg.juudy@gmail.com;

² Mestranda do Programa de pós graduação em ensino em ciência e educação matemática da Universidade Estadual da Paraíba-, ticianymarques@hotmail.com;

³ Professora Doutora em Psicologia Social da Universidade Federal de Campina Grande- PB., deborahdornellas@gmail.com;

Percebe-se que a presença dos alunos com TEA nas instituições escolares tem despertado a necessidade de aperfeiçoamento das práticas pedagógicas e educativas, que incluem o uso de recursos e, sobretudo, a instrumentalização teórico-prática de educadores para que possam compreender as necessidades que esses alunos apresentam, sobretudo, no que diz respeito à aprendizagem e à socialização.

Segundo Benini e Castanha (2016, p. 3),

O Autismo é uma condição pouco conhecida entre os profissionais da escola e que na implementação de processos inclusivos muitos obstáculos são percebidos, sobretudo a insuficiência de um atendimento educacional apropriado as suas necessidades. Se perguntarmos a muitos professores que atuam em escolas inclusivas poucos saberão definir com exatidão aspectos e características, preferindo tomar para si um discurso equivocado e obscuro do que seja o Autismo.

Neste sentido, percebemos a necessidade de propor o debate sobre o tema “aprendizagem e autismo”, que foi realizado Junto às educadoras do ensino infantil das escolas públicas do município de Cuité-PB, através de uma ação promovida pelo Programa de Bolsa de Extensão (PROBEX) da Universidade Federal de Campina Grande -PB, tendo como objetivo Aprender e discutir as experiências vivenciadas pelas educadoras e apresentar alternativas educativas para se trabalhar com alunos autistas dentro da sala de aula.

Para tanto, utilizou-se como base o artigo “É possível, sim, ensinar matemática para um autista”, das autoras Silva e Santos (2018), visto que o mesmo aborda um relato de experiência com materiais didáticos, cujo conteúdo consistiria em uma referência importante no contexto de trabalho dos professores participantes da ação.

Portanto, para melhor compreensão, primeiramente falaremos sobre os conhecimentos sobre o TEA, no segundo momento seguiremos com a discussão sobre a formação continuada; e no terceiro momento abordaremos sobre a importância dessa formação continuada para os educadores do ensino infantil. Por fim apresentaremos os resultados e discussão de toda experiência vivenciada na ação, e logo após, considerações finais.

DESENVOLVIMENTO

O procedimento do ensino inclusivo de alunos com Transtorno Espectro Autismo (TEA) solicita dos profissionais, que trabalham nas redes escolares, entendimento sobre os comprometimentos na igualdade do seu desenvolvimento.

Segundo Vygotsky (1997, p. 6),

A pessoa com deficiência apresenta desenvolvimento diferenciado e isso precisa ser levado em conta nos momentos de planejamento. Além disso, é muito importante que os educadores tenham conhecimento sobre os mecanismos legais que visam garantir direitos básicos inerentes ao indivíduo com deficiência. Assim, chega-se ao seguinte questionamento: Quem é esse aluno portador do TEA?

Lemos et al, (2014, p. 12) complementa que, “Adota-se a perspectiva que enfatiza o aluno com TEA como “indivíduo que encontra dificuldades em seu desenvolvimento social, mas que tem muitas potencialidades e especificidades que vão além do diagnóstico que recebe”.

Segundo Tiradentes et al, (2017, p.2),

O TEA é uma síndrome que afeta o comportamento e a socialização com outros indivíduos. É comum que as pessoas que apresentem dificuldade de se comunicar e socializar tenham muita dificuldade em viver em grupo. Portanto, o espectro autismo é considerado um Transtorno Global do Desenvolvimento (TDG) que afeta a comunicação e a interação social. Pode ser identificado nos primeiros anos de vida.

É fundamental que todos os educadores conheçam especificamente os alunos com autismo, pois só assim conseguirá repassar um ensino de qualidade aos mesmos. É necessário focar nos potenciais destes alunos, ou seja, esses alunos devem ser incentivados a interagir com o outro a expor sua opinião e desejos, a explorar o mundo.

Para a inclusão dos alunos com TEA nas salas de aulas regulares é necessário que os familiares matriculem os mesmo desde sua infância, porque só assim ele terá um acompanhamento educativo satisfatório, pois se os educadores de uma determinada escola acompanhar esse aluno desde o ensino infantil terá maior desempenho no ensino aprendizagem dessa criança, devido ao fato de ser uma das característica do autismo a dificuldade de comunicação e socialização.

Para que os alunos com TEA tenha uma educação satisfatória era necessário que os governantes disponibilizar-se formação continuada dentro das instituições escolas, pois devido os mesmos não possui essa formação muitos acabam não sabendo lidar com determinadas situações dentro de sala de aula.

Segundo Miceli (2017, p. 1),

A expressão Formação Continuada, é o exercício de uma prática pedagógica de qualidade diretamente relacionado à formação de profissionais alicerçados em uma fundamentação teórica consistente, associada à contínua articulação entre a teoria e a prática. Por meio da Formação Continuada, os professores, e os gestores da instituição, tornam-se mais capacitados para ponderar sobre todos os aspectos pedagógicos e, para além deles, propor estratégias com a finalidade de sanar as dificuldades e instalar mudanças significativas em toda a comunidade escolar.

A autora deixa claro que a formação continuada se torna um instrumento fundamental, capaz e apropriada para colaboração do aperfeiçoamento do trabalho docente, fortalecendo junções entre os saberes científico-pedagógicos e os educadores, ou seja, beneficiando novos ambientes de aprendizagem, que administram educadores e alunos em direção a práticas pedagógicas capaz de habilitar os alunos a elaborar e desenvolver papel diante a sociedade.

É importante ressaltarmos a importância da formação continuada no corpo educacional como um todo, mas especialmente na educação infantil devido ser onde inicia-se o ensino e aprendizagem da criança. Acredita-se que os professores de educação infantil tenham mais dificuldades para ensinar aos alunos com deficiência, devido os mesmos não ensinar apenas uma disciplina e sim várias disciplinas.

Segundo Kramer (1994, p. 6),

A Educação Infantil fundamenta-se no binômio educar/cuidar e conseqüentemente, a formação de seus profissionais também deve pautar-se nele. O cuidar e o educar são ações indissociáveis no processo educacional da criança pequena e está especificidade exige uma formação diferenciada da qual é dada a outros níveis de ensino, portanto, o papel dos professores de crianças pequenas difere em alguns aspectos dos demais professores o que configura uma profissionalidade específica do trabalho docente na educação desta etapa. Esta singularidade docente deriva das próprias características da criança, das características dos contextos de trabalho dos educadores e das características do processo e das tarefas desempenhadas por elas.

De acordo com Haubrich e Cruz (2019, p. 8),

O profissional atuante nessa etapa se caracteriza como mediador do processo de ensino-aprendizagem, o mesmo precisa ouvir e sentir as crianças apropriar-se do que elas pensam, observar o que brincam e como brincam, as suas concepções, o seu desenvolvimento, pois nessa fase inicia-se a formação do ser humano sensível, de uma base de valores que proporcionarão às mesmas a busca e a vontade de aprender e também a ser.

O Currículo Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 5) apresenta,

A formação no ensino inicial se constrói por meio de um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas e não por acúmulo de cursos, conhecimentos ou técnicas, a formação deve oportunizar aos professores meios para um pensamento autônomo, dinâmico e de autoformação.

Perante as modalidades do trabalho docente, a formação continuada cumpre um papel indispensável na formação de um conjunto de saberes para a desempenho do educador na Educação Infantil, constituindo esse, um método que proporciona ao professor construir ideias e maneiras que lhe permita produzir a sua própria essência da sua profissão.

METODOLOGIA

Este relato foi desenvolvido a partir de ações promovida pelo Programa de Bolsas e Extensão (PROBEX) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG/CES). Sendo assim, será abordada nesse relato apenas uma ação que ocorreu no mês de novembro de 2018, realizada com 12 professores de ensino infantil de escolas municipais de Cuité-PB. A ação teve duração de três horas e, para a sua realização, foram elaboradas atividades teóricas e práticas utilizando recursos, tais como slides e jogos educativos, por exemplo o tangram de formas de desenhos. A ação teve como objetivo apreender e discutir experiências vivenciadas pelas educadoras, além de apresentar alternativas educativas para se trabalhar com alunos autistas dentro da sala de aula. Específico ainda neste relato, trocas de experiências, reflexões e dificuldades relatadas pelos professores do ensino infantil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciamos a ação com algumas perguntas: O que vocês entende do autismo? Quais suas concepções sobre o aluno autista? O aluno autista devem ser incluídos nas salas de aulas regulares? Entre essas perguntas, abrimos um diálogo e, dessa maneira, os professores começaram a discutir sobre as suas ideias, experiências, dúvidas e dificuldades em relação ao Autismo.

Dentre os argumentos que surgiram, os educadores mencionaram as dificuldades que tinham em relação a ensinar pessoas com deficiência e em especial aos alunos autistas, mencionaram ainda, que tinham alunos com autismo em sala de aula e que tem momentos que se sentem perdidos de como fazer para aquela criança aprender. pessoas com deficiência e em especial aos alunos autistas, mencionaram ainda, que tinham alunos com autismo em sala de aula e que tem momentos que se sentem perdidos de como fazer para aquela criança aprender.

Ainda na discussão, contestaram as formas como esses alunos são inseridos na escola e nas salas de aula, e bem como os comportamentos dos familiares perante à inclusão, enfatizando uma suposta ausência e desatenção atribuída aos familiares quanto à educação dessas crianças. Foi discutida ainda a falta de formação continuada e os reflexos disso tanto em suas vidas profissionais, quanto nas vidas pessoais.

Após o trabalho de mediar a discussão sobre as experiências e reflexões das educadoras, iniciamos explicando o que era o autismo, quais suas características e de que forma as crianças com autismo poderiam aprender, para essa explicação usamos um artigo como referência “ É possível sim” ensinar matemática para um autista, das autoras Silva e Santos (2018). Usamos este artigo porque o mesmo apresentava um relato de experiência com um aluno autista, nele as autoras abordam passo a passo de didáticas usando materiais manipuláveis para se trabalhar com os alunos autistas em sala de aula.

Diante a discussão desse artigo, apresentamos alternativas usando materiais manipuláveis para trabalhar matemática em sala de aula, exemplo: usar fichas coloridas para ensinar quantidade. Usar figuras de objetos, facilita a compreensão do conteúdo (se falar de um triângulo, mostrar objetos que represente o triângulo, se apresentar um número, trazer sempre objetos que represente aquele número e etc...).

Foi apresentado também um jogo com uma urna feita com materiais recicláveis que pode trabalhar diversos conteúdos matemáticos.

Além da apresentação dos materiais utilizados para o ensino de matemática, abordamos que os mesmos materiais poderiam ser adaptados para trabalhar disciplinas como, português, artes entre outras. Na disciplina de português poderiam trabalhar o alfabeto, cores, formação de sílabas e palavras. Na artes trabalharia desenhos que representa-se o dia a dia dos alunos, ambiente escolar e de sua própria casa.

Depois da exposição desses materiais, abrimos um novo diálogo para que os educadores pode-se compartilhar as suas experiências com os seus alunos.

Neste momento, elas relataram as suas experiências de forma bastante participativa, comentando e enfatizando que muito pouco sabiam de como trabalhar com esses alunos e que sentiam uma dificuldade imensa para repassar os conteúdos não só aos alunos com autismo, mas sim, os alunos com todo tipo de deficiência.

As educadoras tornaram a falar sobre a falta de formação continuada nas instituições e a enfatizar o fato dos alunos, muitas vezes, serem “incluídos” em sala de aula só para constar

que estavam frequentando a escola, sem que a sua aprendizagem fosse considerada satisfatória.

Ressaltaram ainda a importância de que todo o corpo escolar e familiar buscasse alternativas para que aquelas crianças pudessem ter uma aprendizagem de qualidade.

Destaca-se que, ainda nesse momento de diálogo, as educadoras comentaram que comentaram que essa ação do projeto tinha sido maravilhosa para elas, pois esclareceu muitas dúvidas e ajudaria bastante na elaboração de atividades diferenciadas em sala de aula.

Figura 1 . Ação com os professores do ensino infantil.



Fonte: Autoria própria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que esse relato tratou de uma experiência diferenciada para a formação dos estudantes extensionistas, haja vista que puderam vivenciar o exercício de levar conhecimentos teóricos e do âmbito acadêmico acerca do Transtorno do Espectro Autista para contribuir com a formação de professores da educação pública infantil.

Com relação a esses casos específicos, destaca-se as educadoras ressaltaram que, muitas vezes, sentem-se perdidas e bastante restritas à determinadas experiências em sala de aula.

No decorrer da ação pode-se notar a sua aceitação pelas professoras, visto que participaram de forma significativa, prestaram atenção aos detalhes e ainda expressaram sua satisfação mediante falas, tais como: “*Achei muito bom essa participação de vocês conosco*”, “*Voltem mais vezes com essas vivências*”, “*Não deixem de vir nos ajudar*”, “*Deveríamos fazer uma parceria*”, entre outras falas.

Durante a ação as educadoras destacaram ainda a falta que sentem de cursos de formação continuada, o que nos leva a concluir que é necessário, de fato, que concentremos maior atenção ao trabalho dos professores junto às pessoas com TEA e outros tipo de deficiência, o que salienta a importância de investimentos em formações nessa área, partindo da iniciativa, tanto dos órgãos públicos governamentais responsáveis pela educação, quanto das próprias universidades, no que diz respeito às suas possibilidades de contribuição no que tange ao ensino, à pesquisa e à extensão.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC / SEF, 1998.

HAUBRICH, M. B., CRUZ, S.O. A Formação continuada na educação infantil e suas contribuições na prática pedagógica: experiências implantadas na rede municipal de Ensino de Parobé. Parobé – Rio Grande do Sul, 2019, p.8.

LEMOS, E. L. M. Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 20, n. 1, jan-mar 2014.

KRAMER, S. A Fundação Carlos Chagas e a educação infantil no Brasil: uma trajetória de produção. In: COSTA, A.A.; MARTINS, A.M.; FRANCO, M.L.P.B. Uma história para contar: a pesquisa na Fundação Carlos Chagas. São Paulo: AnnaBlume, 1994. p. 3-58.

MICELI, M. Z. D. A importância da Formação Continuada de Professores. Colégio Santa Amália. 2017. p.1.

SILVA, J. N. M. O, SANTOS, J. L. “É possível sim” ensinar matemática para um autista. III CINTEDI, Campina Grande- PB, 2018. p. 10.

TIRADENTES, C. P, ARAÚJO, L. G. O. M, LOPES, R A. S. Educação Infantil e o autismo: relato de experiencia. 2017, p.2.

VIGOTSKY, L. Fundamentos de defectología. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1997.